

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Biotipologia feminina sem preconceitos

* Carlos Alberto Pessoa Rosa

As mulheres introvertidas são, de um modo geral, longilíneas, apresentam o tal eritema pudico — ficam vermelhas por qualquer motivo. A impressão que dão, com seu olhar distante e o corpo todo retesado na timidez, é a de terem descoberto uma forma discreta e sutil de atrair seu homem. Não gostam de se expor e detestam serem seus atos serem comentados por terceiros. Para não serem mal-interpretadas, escolhem seu homem com todo cuidado e, de um modo geral, mantêm um relacionamento prolongado. Detestam serem chamadas de levianas. Algumas precisam de muito tempo e carinho para se abrirem, mas quando o fazem seu gozo é cheio de tempestades; outras, conhecemos por um leve sussurro, parecem viver em um caracol, à mercê de suas fantasias. Qualquer aproximação provoca um recolhimento maior; elas sentem o mar, mas não se permitem dividir seus movimentos.

As mulheres extrovertidas vestem-se, penteiam-se e maquiavam-se acentuando sua sensualidade. Mesmo as menos pri-



vilegiadas em sua beleza, encontram algum atrativo em seu corpo. Essas mulheres estão sempre em primavera, cantam em cada canto que estão abertas a tudo e a todos, seu calor e cheiro demarcam sua área de atuação. Nelas podemos encontrar a frígida e infeliz, que não descobriu os caminhos para se chegar ao prazer, querem demonstrar uma normalidade não experimentada, mas quando abordadas, para não se frustrarem mais uma vez, dizem-se haver um mal-entendido. En-

contramos também nesse grupo a carente de fato, a que perdeu seu companheiro por desentendimento ou morte, mulheres que pela circunstância estão em jejum. Desse grupo, a que chama mais a atenção é a narcisista, a que se expõe tanto ao olhar feminino quanto ao masculino, não precisa do outro, basta-se. Em geral, sempre acompanhada de belos homens, num relacionamento de amizade, vive em uma vitrine, em exposição.

Entre esses dois extremos en-

contramos uma variedade de tipos. Existe a mulher tipo executiva, aquela que, decidida por alguém, investe em pesquisa, descobre seus gostos, suas opiniões; veste-se de acordo com o cliente, oferece-lhe presentes. Esse tipo somente ataca quando as chances de ganhar o cliente são grandes, caso contrário, procuram outro objetivo, não se desgastam com as perdas. Estão todos os dias à procura de negócios, de relacionamentos interessantes, de sócios. Uma variante da tímida, a mulher

intelectual expõe-se aos olhos dos outros de uma forma socialmente aceita e valorizada; na cama, joga seus óculos em qualquer canto e esquece-se de teorias e parte para a prática. Existem as extrovertidas camufladas de introvertidas, que têm consciência da ameaça que as extrovertidas significam para os homens; agem, um pouco, como mulheres executivas.

Por mais que tentemos esgotar o assunto, ele é infinito, como o é a natureza humana. Agora, para mim, a mulher ideal é aquela que guarda sua sensualidade no interior de uma concha, longe das tempestades da superfície, que escorra com naturalidade quando solicitada, vire poesia simples e espontânea, lance lavras incandescentes sem perigos, e cujo resultado seja uma pérola, a maior e mais perfeita, no lugar mais profundo e obscuro do inconsciente humano. Deus a mantenha!

* Carlos Alberto Pessoa Rosa é membro titular das Sociedades Brasileiras de Cardiologia e Clínica Médica; sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e professor assistente de Clínica Médica da Universidade São Francisco, de Bragança Paulista.

Pra que, doutor?

* Mariazinha Congilio

Depois de pronta peguei minha bolsa; dentro dela coloquei o porta-pó chinês que ganhei e me oferece uma linda musiquinha ao ser aberto; depois fui buscar meu vidrinho de Ma Grife e saí para o Clube.

Logo que nos acomodamos para o jantar começou o bate-papo informal entre os presentes. Meu vizinho do lado apresentou-se.

— Sou o Dr. Lívio Barcelos. Médico.

E o Dr. Barcelos iniciou sua conversa expondo com frio raciocínio o perigo que corriamos por não nos alimentarmos convenientemente; falou de calorias, vitaminas, açúcares e gorduras, de forma categórica, enquanto eu saboreava calmamente o presunto com melão.

Honestamente, confesso que não prestava muita atenção na explicação dele. Ouvia-o, mas

pensava com mais vigor; imaginava como seria bom se depois do jantar se resolvessem por uma esticada até a boate ao lado, onde o show deveria ser muito bom.

Enquanto isso o médico falava-me de doenças, doentes, mortes e sofrimentos.

— Agora, por exemplo, estou aqui, mas meu espírito permanece com meus doentes. No hospital um cliente está no balão de oxigênio e possivelmente precise de mim logo mais. Levou uma vida de boemia e agora sofre as consequências.

Pensei que nem só o espírito dele devia permanecer no hospital. Todo ele devia ter ficado.

— O que tem seu paciente?

— Teve enfarte. Dois.

E prosseguiu.

— Toda essa vida agitada do homem moderno o faz viver menos.

— Menos ou mais?

— O certo é que lhe encurta

a vida e traz sofrimentos. Não vê como os homens têm fisionomia trágica atualmente?

Não, acho, não. Até que simpático muito com a maioria das fisionomias masculinas que vejo, mas não falei nada porque discutir não é meu fraco. No fim o que consigo dizer é "Perdoe-me"; e o digo sincera e honestamente.

Quando o médico recomeçou a dizer o que achava e por que achava, só consegui sorrir totalmente; e ele insistiu com mais firmeza.

— Eu acho que o homem atual é um suicida; um louco; um sádico. Não acha?

Achei melhor achar que era isso mesmo; dizer que ele tinha razão. Daí ele retrucou:

— Mas então desiste assim de seus pontos de vista, de seus argumentos?

Eu já não sabia o que fazer; nem me lembrava direito qual era meu ponto de vista; concor-

daria com qualquer coisa que pusesse fim naquilo. Mas ele era teimoso; de repente ouvi:

— O que me diz a isso?

Respondi que ele tinha razão, que era aquilo mesmo, e que neste mundo as coisas são difíceis de serem compreendidas.

— Então concorda comigo?

Humildemente assenti e ele ficou mais sossegado; eu sorri e pude calmamente cuidar dos camarões, que eram bem menos perigosos do que discutir com médicos.

E o médico continuou falando, falando... Eu olhei um vaso de flores vermelhas que estava na mesa e constituía uma festa para os olhos e para o coração.

— O homem se mata um pouco em todas as noites que passa num baile ou em boemia.

Pensei que era muito bom que homens continuassem se suicidando, assim, tão terna e encantadoramente.

— ... e seu coração vai enfraquecendo...

— O amor também enfraquece o coração.

Ele nem me ouviu.

E eu me pus a pensar como seria delicioso me suicidar um pouquinho naquela noite.

— Pois eu gostaria de ir à boate hoje. Quero dançar. Meu coração que me desculpe, mas eu gosto dele e preciso gastá-lo.

— É inconcebível que pense assim.

Sorri de mansinho.

— O senhor não dança?

— Não danço, não fumo, não bebo, não jogo, evito gorduras e emoções fortes.

— Ah! Doutor! Mas, então, pra que é que o senhor quer coração?

* Mariazinha Congilio é escritora, poetisa e fundadora do Grupo Pensão Jundiá.

Desmembramento de Estados

• Odilon Nogueira de Matos

Foram poucos em nosso País os casos de desmembramento de Estado para a formação de novas unidades federadas. Durante cem anos, apenas dois casos ocorreram, ambos em meados do século passado, com a criação das províncias do Amazonas (desmembrada do Pará) e do Paraná (desmembrada de São Paulo).

Foram freqüentes, entretanto, os projetos visando a uma redivisão territorial do Brasil, alguns elaborados ainda no século passado, mas a maior parte já neste século, especialmente depois de 1930. Alguns deles, sem dúvida, bem fundamentados e dignos de consideração; outros, todavia, destituídos de qualquer critério, quer de ordem geográfica, econômica ou social. E assim foi o Brasil "picado" da maneira mais curiosa, com ou sem fundamento. Diversos autores ocuparam-se já do assunto em excelentes e criteriosos estudos. Entre eles, Augusto Fausto de Souza, ainda no século passado (1877) e, mais recentemente, Segadas Viana e Teixeira de Freitas, na década de 40.

É importante lembrar que o ponto central de quase todos os projetos elaborados era evitar a desproporção realmente absurda de haver Estados das dimensões do Amazonas, Pará, Mato Grosso ou Minas Gerais, ao lado de um Sergipe, que mal se enxerga no mapa, tão pequeno que é. Consideremos que o Amazonas, que apesar de desmembrado em duas porções, ainda é o mais vasto de todos os Estados, chegou a ter mais de um milhão e oitocentos mil quilômetros quadrados, maior que qualquer país da Europa, fora, naturalmente, a Rússia. Considerou-se como superfície média ideal a faixa dos duzentos mil quilômetros quadrados, ou seja, para exemplificar, a superfície de Estados como São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul ou Piauí.

Contudo, tais projetos nunca mereceram a menor consideração por parte do governo federal e valem hoje, poder-se-á dizer, como simples curiosidade.

Cumpre observar, por outro lado, que foram numerosos os casos de reivindicações emancipacionistas em várias regiões do Brasil. Minas Gerais foi onde mais freqüentes ocorreram tais movimentos, desde o século passado, com os projetos de criação das províncias do Sapucaí, do Vale do São Francisco e da Campanha, e ainda outros na Zona da Mata, no Vale do Mucuri, no Jequitinhonha e, notadamente, o mais sério de todos, no Triângulo Mineiro.

O grande argumento desses emancipacionistas decorria das condições de isolamento em que tais regiões viviam com relação à capital da Província (ou do Estado), numa ausência total de comunicações, tornando-as completamente desamparadas da ação governamental. Tanto que, com o desenvolvimento da rede de comunicações rodoviárias a partir de 1960, tais movimentos praticamente esvaziaram-se, quase nem mais se falando neles.

O problema vem de longe. As primeiras capitânias, no período colonial, tiveram seus limites traçados da maneira que foi possível, em face da precariedade do conhecimento geográfico das regiões onde eles deveriam ser demarcados. A essas capitânias sucederam as províncias após a Independência, às quais sucederam por sua vez os Estados, com a República. Sem nenhuma alteração neste último caso. A primeira Constituição republicana, de 1891, foi bem clara ao afirmar, logo em seu artigo primeiro, que a nação brasileira deveria constituir-se "por união perpétua e indissolúvel das suas antigas províncias em Estados Unidos do Brasil". E assim chamou-se o país até há bem pouco tempo, pois só com a Constituição de 1969 passou a denominar-se "República Federativa do Brasil".

Mais ainda: a Constituição de 1891, em seu artigo quarto, especificava: "Os Estados podem incorporar-se entre si, subdividir-se, ou desmembrar-se para anexar a outros, ou formar novos Estados, mediante aquiescência das respectivas Assembleias Legislativas". Quase com os mesmos termos, este dispo-

sitivo figurou em todas as outras constituições, com exceção da de 1969, que silenciou sobre o assunto. Aliás, a própria Constituição monárquica, de 1824, já tocava no problema ao afirmar que o Império deveria constituir-se das províncias então existentes na forma em que se achavam, "podendo ser subdivididas, como pedir o bem do Estado."

Apesar das facilidades concedidas pelas diversas Constituições, foram poucos, conforme demonstramos, os casos de desmembramento de Estados. Aos dois do século passado, já citados (Amazonas e Paraná), cumpre lembrar, neste século, a divisão de Mato Grosso e, mais recente, a divisão de Goiás com a criação do Estado de Tocantins. É curioso lembrar que esta divisão de Goiás já havia sido sugerida pelo Visconde de Taunay, em relatório apresentado em 1875, quando representava a referida província na Câmara Imperial. O argumento invocado por Taunay certamente hoje não prevaleceria: a facilidade de navegação do Araguaia e do Tocantins, para ligar a parte setentrional do Goiás à foz do Amazonas, no Pará.

"O ponto central de quase todos os projetos elaborados era evitar a desproporção realmente absurda de haver Estados das dimensões do Amazonas, Pará, Mato Grosso ou Minas Gerais, ao lado de um Sergipe, que mal se enxerga no mapa, tão pequeno que é."

Brasil. Tudo decorreu da imprecisão com que as divisas foram demarcadas, derivada do pouco conhecimento geográfico das regiões onde os limites deveriam passar. E note-se que estas imprecisões chegaram até os nossos dias.

Sobe a mais de uma dúzia os casos de que temos conhecimento. Alguns, pacíficos; outros, graves. Alguns, razoáveis; outros, pelo menos aparentemente absurdos. Mas, em todos eles, como é natural, cada qual defendendo a sua parte da melhor maneira possível. E ocorreram nas regiões mais diversas do Brasil. Na impossibilidade de enumerar a todos, registraremos os mais complicados e, conseqüentemente, mais demorados: São Paulo/Minas, Paraná/Santa Catarina, Minas/Goiás, Minas/Espírito Santo, Minas/Bahia, Bahia/Sergipe.

O problema São Paulo/Minas foi o mais demorado, só vindo a resolver-se em 1937. Na estação de Cascata, da antiga "Mogiana", nas imediações de Poços de Caldas, pôde-se ver o "marco" comemorativo do acordo assinado naquele ano pelos governadores Armando de Salles Oliveira e Benedito Valadarez. As divisas entre os dois Estados oscilaram muito, desde o século XVIII, ora demarcadas pelo rio

Grande, ora pelo rio Sapucaí. Os diversos laudos da época parece que agravaram mais ainda a situação. Foi o que demonstrou, ainda há pouco, e de maneira bem sintética, o professor Ersio Lenzi, em monografia publicada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

E lembre-se que um notável homem público do século passado, Joaquim Floriano de Godoy, que foi presidente de Minas, chegou a propor, conforme já lembramos, a criação da província do Rio Sapucaí, com territórios desmembrados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, e da qual Taubaté seria a capital. Em defesa de sua idéia, combatida, aliás, pela imprensa paulista, publicou importante livro em 1883. Seria uma maneira, entendia ele, de resolver o problema das divisas São Paulo/Minas Gerais. Mas, não tendo merecido considerações o seu projeto, voltou novamente a questão a preocupar paulistas e mineiros.

Quanto a Paraná/Santa Catarina, há uma imensa bibliografia a respeito, pois, de fato, foi uma das questões mais sérias, envolvendo principalmente o problema do "Contestado" (nome significativo...) e que se tornou uma espécie de "Canudos" do Sul do Brasil. Naturalmente menos conhecido, pois não teve nenhum Euclides da Cunha a descrevê-lo. É verdade que ultimamente diversos historiadores paranaenses e catarinenses têm cuidado do "Contestado" e, uma vez superado o problema dos limites, têm eles voltado suas atenções para os aspectos messiânicos da questão (daí a semelhança com Canudos). É preciso considerar que a "guerre sainte" do "Contestado" já foi objeto de importante trabalho sociológico apresentado à Universidade de Paris pela professora Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Minas apresenta a anomalia cartográfica do "Triângulo", verdadeira ponta-de-lança em território que deveria pertencer a Goiás ou a São Paulo. A tradição atribui à Dona Beja, a famosa "feiteira do Araxá", como a denominou um autor que recentemente dela se ocupou, o ter conseguido de um célebre ovidor que por ela se enfeitara e usando sabiamente dos seus encantos, a incorporação a Minas de sua "comarca do Araxá". "Se non é vero..." Pode não ser verdadeira, mas a "estória" se tornou simpática justamente pelos seus aspectos românticos.

Com o Espírito Santo, a questão durou até época mais recente, perturbando os dois Estados por muito tempo. O autor desta nota, em pesquisas geográficas pelo Vale do Rio Doce, sentiu de perto o problema, passando até por "espião" mineiro ou capixaba, conforme o lado em que estivesse.

Bem ou mal, todas as questões aqui citadas foram solucionadas, delas nada mais restando senão a lembrança. Mas, tiveram seu lugar na crônica da formação territorial do Brasil.

• Odilon Nogueira de Matos é membro das Academias Paulistas de Letras e História.

Giácomo Define, médico e poeta injustamente esquecido

* Paulo Fraletti

Giácomo Define foi médico de sólido conhecimento científico e profissional de alta capacidade clínica. Literariamente, um poeta de finíssima sensibilidade e inspiração. No entanto, poucas são as informações sobre ele nos livros de história da Medicina paulista e os próprios dicionários biobibliográficos dos mais conhecidos nos últimos tempos, como os de Luís Corrêa de Melo, Raimundo de Menezes e Afrânio Coutinho não referem seu nome. Apesar de tudo isso foi colaborador dos jornais "O Estado de S. Paulo" e do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, e da revista "Kosmos", também do Rio, segundo o dr. Orsini Carneiro Giffoni, em seu especializado "Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro de Escritores Médicos" (São Paulo, 1972). Tal silêncio se deve mais a si mesmo que aos historiadores e críticos, pois era de temperamento depressivo, além de, psicologicamente, introvertido e tímido, como ver-se-á adiante.

Prova de que em seu tempo era altamente considerado e admirado é o fato de ter merecido do ilustre poeta e jornalista capivariense Amadeu Amaral, em seu livro "Névoa" (1910), a dedicatória do poema "Surdina".

Define nasceu em Monte Murrío, província de Potenza, Itália, a 16 de setembro de 1876. A família emigrou para o Brasil, em torno de 1880-1881. Primeiro veio o pai — Vicente Define — que, após, voltou à Itália para trazer a esposa — Rosa Fanuelli Define — e o filho Giácomo. Aqui nasceram os vários irmãos: Margarida, Julieta, Nicodemo, Henriqueta, Adalina, Antonio, Vicente, Domingos, Felícia, Ângela e Maria do Carmo.

Tendo voltado à Itália para estudar Medicina, diplomou-se em 1904 pela Faculdade de Bolonha, e praticou em clínicas e laboratórios de fama. Regressou a São Paulo e habilitou-se profissionalmente no Rio de Janeiro.

"Não fez larga clínica que deveria ter, dadas as qualidades excelentes que possuía", escreveu o professor Rubião Meira, nas apreciações que sobre ele teceu, em seu valioso livro de biografias breves, "Médicos de Outrora" (São Paulo, 1937). Prova, porém, de que era acatado pelo seu saber e capacidade médica é que, segundo o professor Carlos da Silva Lacaz, em sua documentada obra, de 1989, "Médicos Italianos em São Paulo", cita que Giácomo fez parte do primeiro corpo clínico do "Hospital Humberto I", da "Sociedade Italiana de Beneficência em São Paulo", inaugurado em 14 de agosto de

1904. Eram seus companheiros dentre os vários clínicos, os drs. Ovídio Pires de Campos e Celestino Bourroul, que se tornariam professores da Faculdade de Medicina, fundada em 1912.

De sua produção científica, Jorge de Andrade Maia, em seu "Índice e Catálogo Médico Paulista — 1860-1936", relaciona três trabalhos: "O tártaro bismutato na terapêutica da sífilis", "Il bismuto nella cura della sifilide", e "Eritema polimorfo e lepra". O primeiro publicado no "Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo" (Vol. 5, março-abril de 1922) e na revista "Novoterápica" (Vol. 2, nº 8, março de 1922). Os dois últimos na revista "Atti Di Ars Médica", ambos no mesmo volume e número (Vol. 1, nº 3, 1924). Revista essa da "Associação Italiana Para o Estudo e Incremento das Disciplinas Médicas".

Rubião Meira, em obra já citada, traçou-lhe a vida e caracterizou sua personalidade de forma percutiente. E ninguém melhor do que o criador da Propedêutica Médica paulista para fazê-lo, já que conhecia todos os médicos da paulicéia de outrora. Como seu livro acha-se há muito esgotado, cremos ser oportuno transcrever, aqui, o que disse do ilustre Giácomo Define.

"Define era retraído, tinha poucos amigos, mas todos admiravam nele a correção de sua vida profissional e o preparo médico a que não dava vulto, dada a sua natureza acanhada. Vivia como que só, não se imiscuindo nas sociedades, nem procurando viver no meio médico, afastando-se, pela propensão solitária natural de seu espírito. Além de médico era cultor apaixonado das letras e escrevia com elegância e desembaraço, tendo grande círculo de admiradores de sua inteligência robusta. Mas, com tudo isto, com o talento notável que possuía, o acolhimento simpático que se lhe fazia, não procurava dar brilho ao seu saber e patentear a formosura do seu intelecto. Questão puramente de caráter individual. (...) Respeitador, incapaz de maldades, não se importando com a vida alheia, assim esteve sempre em São Paulo, só bem conhecido dos que tratavam de perto com ele. Não gostava de discussões. Enfim, não tinha ânimo de lutador. Aceitava as coisas como vinham sem protestos, sem entrar em lutas. Tudo estava bem, estivesse como estivesse. Alma de poeta. E de fato o era, tendo produzido. O que sempre me impressionou foi a tristeza de sua fisionomia, que se casava com a dissolução de seu espírito. E eu o conheci moço e moço morreu, sem ter mais alterado a sua conduta. Não gostava de reclames. Ex-

cessivamente modesto. Vivia na obscuridade, jorrando luz, de vez em quando, pelos jornais. Liguei-me a ele por um amigo comum, o dr. Xavier da Silveira, que o tinha em grande conta e falava-me de Define sempre com entusiasmo e mui admirador de suas letras. Conversador acanhado, mesmo na intimidade, não se expandia. Era, enfim, um moço a quem nada se dava, mas que, entretanto, tinha grande valor, médico e artista da palavra escrita."

"Nos últimos tempos de sua vida eu tive a sensação de que ele ia abrir-se, já se mostrava com mais expansão, embora conservasse sempre a mesma fisionomia triste e os mesmos hábitos modestos. Não fez o grande ambiente de admiradores a que tinha direito, pela formosura encantada de seu privilegiado espírito, mas os poucos que o conheceram fazem essa justiça que eu aqui tributo e rendem essa homenagem que agora eu presto — agora que minhas palavras não ofendem a sua grande modestia e não abalam a enorme timidez de sua pessoa. Outro fosse o temperamento e Define teria com certeza rebilhado na Medicina e deixado outro nome que não deixou. Mas, onde querem, a uns sem merecimento, elevando aos galarins da fama, outros, cheios de valor, deixando-os na obscuridade."

"Define foi desses últimos, mas a verdade surge sempre por mais oculta que esteja, envolta na suavidade luminosa da justiça e essa desce sobre ele realçando o seu mérito e o marcando como de individualidade que honrou a humanidade."

Escrito, esse, de Rubião, que enaltece a ambos, biógrafo e biografado. Chega a emocionar a análise do mestre da Medicina paulista, acostumado que era a observar não só o corpo mas, também, a psique das pessoas. Não desmereceu seu mestre, o grande criador da Propedêutica Médica brasileira, professor Francisco de Castro que também fora poeta.

Rubião informa que Define "via como que só, não se imiscuindo nas sociedades". As vezes, porém, superava seus hábitos e características temperamentais e se reunia aos intelectuais da época, como anota Afonso Schmidt, em "São Paulo de Meus Amores" (S. P., 1954, pág. 172), ao escrever sobre o café "A Paulicéia", da rua 15 de Novembro, muito frequentado por homens de letra e onde se realizavam tertúlias, às quais compareciam Monteiro Lobato, Ricardo Gonçalves, Vicente de Carvalho e Francisco Escobar (estes dois quando subiam de Santos) e tantos outros. "Ali também aparecia Jacomino Define, médico, grande esti-

lista que poucos chegaram a conhecer. Por essa altura já era autor de "Sânice", novela que, segundo parece, não chegou a ser publicada, e "Mãe d'Água" aparecida pouco antes".

Suas poesias acham-se esparsas, principalmente na revista "Kosmos". Conseguimos há alguns anos, com sua sobrinha, sra. Maria Tereza Define Penteado, cópias de quatro poemas, sob o título "Poemetos Amorosos", "Solidão", "Nuvens", "Rosa" e "Marta". São poemas do gênero lírico, revelando muito sentimento, podendo-se filiá-lo à corrente romântica, com laivos de simbolismo. A predominância é de versos livres, mas há estâncias metrificadas e sem rimas. Em ambos os casos há, porém, uma nota original: a sua cadência e harmonia de palavras e sentidos a se conjugarem.

O poema "Solidão", metrificado e sem rima, é de rara delicadeza. Descreve a natureza como se tivesse escolhido com muito cuidado as tintas para pintar um quadro no qual coloca a imagem de sua alma — a tristeza. É assim:

Solidão

"Nasce o sol, tomba a noite,
Sucedem-se as auroras e os crepúsculos
E a imensa solidão que trago
n'alma
É sempre a mesma.

Ou doure o sol a terra.
Encha o mundo de esplendor e vida,
Ou a ampla noite recamada de astros
Um afluxo de paz e de ternura
Espalhe sobre as coisas,

O árido deserto da minha alma
Sem sombra, sem oásis, sem miragens.
Sem um brotar sequer
De linfa doce,
Estende-se monótono e infinito,
Imensamente triste...

São poemas sem data, mas de identificação fácil como modernos. A Semana de Arte Moderna foi em 1922. Ele faleceu em 1925. Haveria relação entre ele e os modernistas, ou seus poemas seriam anteriores à Semana de Arte de São Paulo? Se isso for o certo, seria um pré-modernista independente. Seu amigo Amadeu Amaral era poeta acadêmico, tradicional de rima e métrica.

Seu sofrimento, que se pensou sempre ser constitucional, pode, no entanto, ter sido agravado por alguma desluzão amorosa, tanto que — soubeamos agora — nutria

grande paixão por uma prima que não pôde consumir, por oposição do pai (seu tio). Talvez, por isso, permaneceu solteiro e morreu cedo, aos 48 anos, em 4 de julho de 1925, tendo posto fim à vida pelas próprias mãos, cortando o pulso. Sentiu o fim dos sofrimentos ao contemplar o esvaimento de seu sangue. Devia estar em franca depressão, estado que deve ter se agravado, já que era um depressivo de temperamento.

Deixou, além dos poemas, um conto, "Mãe d'Água" e uma novela, "Sânice". O jornalista, historiador e poeta João Alberto de Souza, na plaquete "Amadeu Amaral ("Vozes", "Névoa", "Espumas"...), de 1918, constituída de uma reunião de artigos, publicados em "A Gazeta" e, após, em "O São Paulo Imparcial", qualifica a novela de extraordinária e o conto, de magnífico, informando, ainda, que se achavam inéditos até aquele ano. Segundo Afonso Schmidt, em obra já citada (1954), "Mãe d'Água" fora publicado.

Escrevia tanto em português como em italiano. Em 1990 foi citado entre médicos-poetas brasileiros, num extraordinário livro da Itália, "Medici Scrittori d'Europa e d'América" (Antonio Delfino Editore, Roma), do prof. Arnaldo Cherubini, da cátedra de História da Medicina da Faculdade de Siena.

Um dos irmãos de Giácomo também era médico, o dr. Domingos Define. Começou como assistente do dr. Luís de Rezende Puech, médico do Hospital de Juqueri e chefe de Clínica Cirúrgica da Enfermaria de Crianças da Santa Casa de São Paulo; depois, professor de Cirurgia Infantil e Clínica Ortopédica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, disciplina essa que passou a lecionar, o prof. Domingos Define, na Escola Paulista de Medicina. E exerceu também a mesma especialidade no Instituto Paulista. Faleceu em 1985, aos 89 anos, tendo deixado um nome de respeito. Fui um de seus alunos na 10ª turma de médicos (1947) da Escola Paulista de Medicina.

Ainda da família se distinguiu um sobrinho de Giácomo e Domingos, o professor assistente Ivo Define Frascá. São Paulo e a Medicina e a literatura paulista estão a dever a Giácomo Define a reunião e publicação de seus poemas, que não podem continuar dispersos. Nestas linhas citamos as fontes onde podem ser encontrados.

* Paulo Fraletti é professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Santo André.

Lembrando minha mãe

Raymond Victor Hegg

*Ambos provinham da mesma charmosa região;
Ela era jovem, muito bonita e encantadora.
Uniu seu destino àquele que a adorava, pois era
Seu primeiro amor e tinha por ele verdadeira
paixão.*

*Dessa aliança feliz e abençoada nasceram três
descendentes;
Amparava-os com carinho e achava a solução
para cada caso.
Esposa amantíssima partilhava firmemente com
o esposo
A todas as vicissitudes que se apresentavam ou
eram penderes.*

*Vestia-se com sobriedade mas sempre com dis-
tinação
Sua elegância era inata sem luxo ou extravagância.
Primava como diretora de sua residência
E controlava a economia familiar com seguran-
ça e precisão.*

*Sua personalidade era marcante,
Cativava quem lhe tinha amizade,
Não desprezava os que eram de avançada idade,
Foi durante toda sua existência muito atuante.*

*No decurso de toda minha infância
Ela esteve constantemente ao meu lado,
Protegendo-me de maneira eficaz e a seu modo,
Sem jamais se queixar de minha impertinência.*

*Seus olhos azuis me fazem lembrar
Aquele luminosidade que possuíam.
Seus alvos cabelos emolduravam
O semblante que só sabia amar.*

*Sua permanência entre nós foi pouco extensa;
A lembrança que ainda tenho dela
Faz com que esteja freqüentemente a vê-la,
E torna minha saudade bem mais intensa.*

Coluna do livro

De 26 a 28 de maio de 1994 realizar-se-á o V Conclave da Federação Brasileira das Academias de Medicina. O confrade que desejar colaborar poderá, desde já, divulgar o evento em sua área de influência, recomendando aos colegas que enviem os dados pessoais (nome, endereço, RG e CPF) à secretaria geral do Conclave, à rua Estados Unidos, 1.732, CEP 01427-002, São Paulo, SP, fax (011) 816-5777.

•••

Rubens Cersósimo lançou o livro *Direcione a sua Mente*, editora Unidas. O autor é médico, psicoterapeuta, estudioso de Filosofia, Teologia, Psicanálise, religiões etc. Formou-se em 1963, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, havendo se especializado também em Educação Física, Esportes e Ergonomia. Graças a sua vivência clínica e sensibilidade, procura, no livro ora comentado, de forma prática e acessível, estimular o leitor à auto-análise e à auto-ajuda, introduzindo e explicando o que denomina de Metapoder, que seria, resumidamente, o poder que vai além do entendimento da inteligência e da vontade, dando ao indivíduo a capacidade de acreditar, de confiar e de agir no sentido do que julga correto.

•••

João Bosco Assis de Luca foi agraciado com o terceiro lugar no concurso V Prêmio Jorge Andrade, 1992, promovido pela Academia Barretense de Cultura. A obra é excelente, escrita de forma a prender a atenção do leitor, do começo ao fim, refletindo a sensibilidade acurada do autor.

•••

Eduardo Lambert lançou mais um livro sobre Floral do Dr. Bach, intitulado *Matéria Médica e Terapia Floral*. O autor é médico em São Paulo, clínico geral, homeopata, especializado em nutrição e terapia floral. A obra apresenta abrangente descrição de todas as essências, contendo ordenado questionário, perguntas e respostas orientadoras que facilitam a prescrição, bem como sugestões para alimentação saudável no caso de terapia natural pelo método floral.

•••

Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra, Cidadão Taubateano, médico psiquiatra, jornalista, músico conceituado, é o primeiro docente a receber o honroso título de Professor Emérito da Universidade de Taubaté. O agraciado é também um dos maiores e dos mais cultos psiquiatras forenses do País, havendo sido fundador e primeiro diretor da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, hoje Casa de Arnaldo Amado Ferreira. G.A.P.

Vertente

Sônia Cintra

*Passo portinholas
e portões,
ultrapasso depois
todas as violetas
e canhões
de Navarone
a disc laser.
Varro da vista
a última chuva
na tarde caída e
prende de urbes,
notícia,
furo a Paulista.*

A Semana

Diego Valeri

*Segunda-feira, depois do domingo,
Meu Deus, que dor de cabeça,
Eu não posso trabalhar!*

*Terça-feira, vontade nem um pingo,
Antes que o mal aconteça,
Hoje não vou trabalhar!*

*Quarta-feira, preparo a marmitta,
Ai de mim, que dor de dente,
Eu não devo trabalhar!*

*Quinta-feira, lá fora a vida grita,
Tudo é belo, estou contente,
Que tortura é trabalhar!*

*Sexta-feira, é dia de oração,
Sigo minha devoção,
Não dá para trabalhar!*

*Sábado, o mundo é um remanso,
Eu preciso de descanso,
Então, pra que trabalhar?*

Inezita Barroso, estrela da manhã

*Olha que beleza
Isto é São Paulo glorioso
Vem a Combinados cantar
Com Inezita Barroso
Naturalmente o Carnaval ficou
Mais belo
Nasceu a menina no meio do
Samba
Entre danças e cirandas,
Na moda caipira imperou
Na arte da comunicação
Seu sonho de viver se fez realidade
Atriz, mulher de verdade*

*A marvada pinga vou beber
Na-dança gaúcha, vou me perder
O luar do sertão que hoje me traz
Quanta saudade do lampião de gás
No folclore brasileiro
O ano inteiro
É linda, em manifestação
Viola, minha viola é quem diz
Divina mestra sou feliz
Pois exaltou nossa música raiz
Brilha estrela, canta, sou seu fã
Sua vida, estrela da manhã*

Samba-enredo da Escola de Samba "Combinados de Sapopemba" do Carnaval do ano passado.